

# Di Cavalcanti



Sem título, óleo sobre tela, 283x881 cm (obra em exposição no Salão Verde da Câmara dos Deputados)

Jonas Lima

## Di Cavalcanti: símbolo do modernismo brasileiro

Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo nasceu no Rio de Janeiro, em 06 de setembro de 1897, onde faleceu em 26 de outubro de 1976. O artista foi um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna e uma referência importantíssima para todo o grupo modernista e, desde então, para a história das artes plásticas no Brasil.

Deu início à sua carreira muito jovem ainda: em 1914, aos 17 anos, a revista *Fon-Fon* publicava seus desenhos de caricaturas e, em 1916, participou de uma exposição coletiva no Salão dos Humoristas.

Matriculou-se na Faculdade de Direito e, em 1917, mudou-se para São Paulo, não terminando o curso. Conviveu com Mario e Oswald de Andrade, Tarsila, Anita e Brecheret. Interessado em pintura, frequentou, em São Paulo, o ateliê do pintor George Elpons, um alemão de

influências impressionistas. É considerado, entretanto, um autodidata.

Participou da organização da Semana de Arte Moderna de 1922, sendo responsável pelos catálogos e programas e expondo 12 pinturas. Di Cavalcanti já era um artista de talento bastante reconhecido nessa época, e sua atuação em 1922 foi essencial para o sucesso da mostra.

Entre 1923 e 1925, viveu em Paris, época em que entrou em contato com Picasso, Braque e Matisse. *O Beijo* data dessa época, evocando uma atmosfera romântica de sua juventude. Em viagem à Itália, pôde ver os clássicos, que contribuíram para sua formação de pintor. Teve influências, também, de Delacroix, de Gauguin e dos muralistas mexicanos.

Filiou-se ao Partido Comunista e, a partir de então, as temáticas sociais e nacionais tornaram-se presentes em

suas obras. Retornou a Paris em 1937, onde recebeu medalha de ouro com a decoração do Pavilhão da Companhia Franco-Brasileira, na Exposição de Arte Técnica, e onde viveu até 1940. Executou vários painéis, dentre eles, o painel Samba e Carnaval, para o Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, em 1929, considerado um dos primeiros painéis modernistas da América Latina. Publicou, também, álbuns com gravuras e serigrafias, ilustrou livros, bilhetes de loteria e desenhou jóias. Escritor, jornalista e poeta, publicou *Viagem da Minha Vida* e *Reminiscências Líricas de um Perfeito Carioca*, escreveu crônicas e comentários para jornais e revistas. Participou das I, II e VII Bienais de São Paulo, da XXVIII Bienal de Veneza, além de inúmeras exposições no Brasil e no exterior.

Como pintor, conquistou, além do prêmio de Melhor Pintor Nacional na II Bienal de São Paulo, o 1º Prêmio na Mostra Internacional de Arte Sacra de Trieste, Itália, pelo quadro *Crucificação*, adquirido pelo Instituto de Arte Litúrgica de Roma. Também ganhou a Medalha de Ouro na II Bienal Interamericana do México e o Prêmio Crítica de Arte em 1971, por ocasião da Retrospectiva no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Suas obras espalham-se em museus e coleções particulares por toda América Latina, Estados Unidos e Europa, destacando-se os quadros *Família*, no Museu de Arte de Montevideú, *Scène Brésilienne*, no Museu de Arte Moderna de Paris, *Via Sacra*, na Catedral de Brasília, *Cinco Moças de Guaratinguetá*, no Museu de Arte de São Paulo, *Ciganos* e o tríptico *Navio Negroiro*, no Museu Nacional de Belas Artes, e *Seu Ateliê* e *Obra Inacabada*, que permanecem no Museu de Arte Moderna de São Paulo, tendo sido doados após sua morte.

O Senado Federal integra esse expressivo rol de localidades que tem a honra de exibir uma obra de Di Cavalcanti. A tela *Pescadores*, de 1973, está na residência oficial da Presidência da Casa. A Câmara dos Deputados também ostenta no seu Salão Verde, próximo à Presidência daquela Casa, um enorme quadro do artista, retratando e homenageando os candangos, os “heróis” da construção de Brasília. Trata-se de um óleo sobre tela, de 1960, de 2,83x8,81m, sem título, apesar de ser conhecido popularmente por *Alegoria de Brasília*, terminado – como prometido ao Presidente Juscelino Kubistchek - para inauguração de Brasília.

Sobre esse trabalho, teria dito: “O candango montado a cavalo é a figura central do mural da Câmara. Nele eu represento a chegada a Brasília dos colonizadores, entre os quais me coloco, no campo das artes plásticas.” Ainda segundo o artista, “o candango em branco, preto, cinza e azul, representa a conquista de Brasília por seus colonizadores valentes”.

## Di Cavalcanti e seus críticos

Eis o aparente paradoxo de Emiliano Di Cavalcanti: este grande individualista é um pintor social, este boêmio dispersivo é um trabalhador obstinado, este copiadador de histórias pitorescas é um espírito sério capaz de disciplina. O homem Di Cavalcanti é rico em surpresas e imprevistos, solidário com outros no sofrimento e na alegria. Sabe que o prazer sempre foi um elemento importante na criação da obra de arte. Sabe que o prazer encerra também conflitos, abismos, contradições...” (Murilo Mendes, 1949).

Um quadro de Di Cavalcanti - qualquer quadro - é, antes de mais nada, uma projeção de sua sensibilidade e de sua personalidade; e daí, o seu extraordinário fascínio, o seu poderoso encanto, a sua capacidade de encantar instantaneamente a simpatia e a admiração de um público heterogêneo, em que se irmanam solidariamente leigos e entendidos. Diante de bem poucos artistas nacionais se poderia com rigorosa veracidade repetir, como diante de Di Cavalcanti, este aparente lugar-comum, muito menos comum, aliás, do que se imagina: a obra é o homem (Luis Lopes Coelho, São Paulo, 1964).

Di nos dá na sua pintura, de onde rescendem todas as influências legítimas do tempo percorrido, a dimensão de uma terra pulsante de cor, ingênua e triste.

Di é um pintor bem maior do que se pensa, bem maior do que a fama cheia de rótulos com que o designaram. Porque o instinto estético de Di Cavalcanti, que é um homem de sensibilidade extrovertida, irreverente, requintada, independente e bem humorada (no sentido às vezes sarcástico do bom humor), este instinto estético vem comandar as paixões, sobre as quais se tem a impressão de que Di escava no momento vivo do circuito. Toda sucessão de imagens nos despertam um estado de paixão equivalente, ou pelo menos nos inquietam em direção a um mundo palpitante em que vivemos, e, que nem sempre nos atinge (Walmir Ayala, Rio de Janeiro, 1973).

Em EMILIANO DI CAVALCANTI encontrou a pintura um de seus maiores e mais originais intérpretes: sensual e expressivo, o fabuloso artista - numa carreira de mais de 50 anos -, vem criando mitos visuais que hão de permanecer como outros tantos pontos altos da arte nacional (José Roberto Teixeira Leite, Rio de Janeiro, 1973).

Ao longo deste meio século transcorrido, Di Cavalcanti ocupou um lugar de 1º plano nas artes plásticas do Brasil. Além de idealizar a Semana de 1922, foi ainda o principal responsável pelo surto de uma pintura temática nacional, dominante após aquele movimento. Apesar de suas ligações com a Escola de Paris e o Cubismo, é um pintor profundamente carioca e brasileiro. A sua obra reflete como nenhuma outra, pela extensão no tempo, a vida do nosso povo. O carnaval, o ritmo e a ginga dos sambistas, as baianas, as mulatas capitosas, as mulheres

da vida, os passistas, os malandros, os seresteiros, os bailes de gafeira, os trabalhadores, a paisagem, enfim a própria vida do País está presente em sua pintura, que é sempre vigorosa. A sensualidade brasileira está nas linhas, formas e cores, expressionistas de suas telas (Antonio Bento, Rio de Janeiro, 1973).

"(...) O que dará, porém, este clima de sensualidade aos quadros de Di Cavalcanti não será a figura da mulata em si, mas o tratamento que ele dará à pintura e principalmente à cor. A partir de 1926, em alguns trabalhos, como *Cinco Moças de Guaratinguetá*, nota-se o aparecimento de fortes contrastes cromáticos. No entanto, a cor ainda está dependente do desenho, uma vez que predomina o cuidado na relação entre os volumes e os planos (Carlos Zílio, 1982).

"Talvez mais do que a sua própria obra de pintor e desenhista, observada isoladamente, é a totalidade do ser humano que passou um dia, muito cedo na vida, a assinar-se Di Cavalcanti, que se instaura como símbolo no modernismo brasileiro. Isso se acentua pelo fato de sua presença nunca ter-se restringido à área exclusiva das artes visuais, abrangendo também a prosa e a poesia, a ponto de ele preferir que o considerassem não como um pintor, mas como um intelectual que pintava." (PONTUAL, Roberto. *Entre dois séculos: arte brasileira do século XX* na coleção Gilberto Chateaubriand. Prefácio de Gilberto Allard Chateaubriand e Antônio Houaiss. Apresentação de M. F. do Nascimento Brito. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1987).

"Di tinha um senso de humor muito rico, e muito sutil também. Em todos os momentos ele utilizava as circunstâncias como uma forma de exprimir o seu humor. Com isso ele foi, de certo modo, o precursor de algumas tendências muito modernas da antiarte, se bem que esse aspecto da sua obra tenha passado muitas vezes despercebido. Fazia, por exemplo, esse

quadro propositadamente 'matado' em que a finalidade não era o quadro, era o gesto; e essa importância do gesto na sua atividade está muito relacionada com certos aspectos da arte conceitual. (...) Para uma avaliação da obra pictórica de Di Cavalcanti talvez ainda nos falte uma perspectiva histórica. Em minha opinião, uma das coisas mais importantes em Di foi a sua contínua preocupação em fazer uma arte brasileira, ligada aos aspectos cotidianos da vida brasileira e procurando através deles definir a nossa identidade cultural. Esta tendência foi tão forte nele que não conheço qualquer trabalho de Di Cavalcanti que não a reflita, não reflita esta preocupação. Qualquer trabalho de Di, bom ou ruim, é um trabalho brasileiro" (SCHENBERG, Mario. *Pensando a arte*. São Paulo: Nova Stella, 1988).

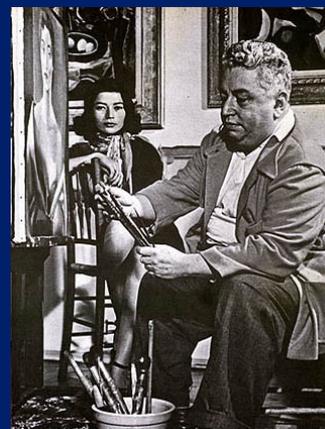
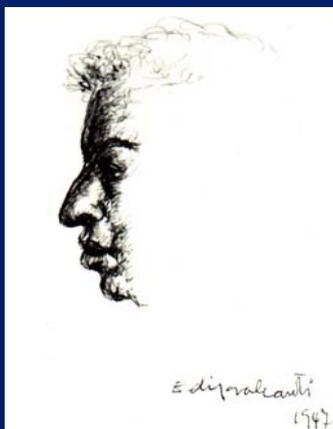
Emiliano Di Cavalcanti foi um jornalista do traço, um registrador, um irônico testemunho. Mas, também, um afetuoso contemplador das coisas nacionais, das fraquezas brasileiras, nas quais ele, afinal de contas, também se comprazia. (...) Emiliano Di Cavalcanti, famoso pela sua maneira sensual e plástica de pintar, pouca gente sabe, começou como desenhista e ilustrador. Os seus desenhos estão entre o que de melhor já fez e marcam decisivamente uma época de nossa história (Jacob Klintowitz, In: *Mestres do Desenho Brasileiro*, 1983).

"Tinha prazer com o ato de pintar e não se preocupava em alcançar a cada vez a obra-prima; queria basicamente expressar-se. Nos anos 20 e 30, sua produção é mais homogênea; nos 40 e 50, surgem numerosas e famosas obras magistrais; dos 60 em diante, elas se tornam raridade.

Apesar disso, Emiliano Di Cavalcanti permanecerá para sempre como um dos maiores pintores brasileiros, e o que melhor captou um determinado lado do País: o amoroso, o sensual. O largo pre-



"Pescadores", óleo sobre tela, de 1973, 74x100 cm



domínio da figura humana em sua arte é também uma manifestação de seu humanismo essencial - o mesmo humanismo que o levou a ser um indivíduo da esquerda, embora não exatamente um ativista partidário. Como Segall, Ismael Nery e Portinari, Di fez do homem o objeto de sua atenção" (ARAÚJO, Olívio Tavares de. *Pintura brasileira do século XX: trajetórias relevantes*. Rio de Janeiro: Editora 4 Estações, 1998. p.46-48).

### “Di Cavalcanti: o enamorado da vida

Qualquer semelhança de espírito entre o poeta Vinícius de Moraes e o pintor Di Cavalcanti não será o que vulgarmente se chama de mera coincidência, é a mais pura afinidade. Cariocas que amaram - como poucos - o Rio de Janeiro, além das incontáveis mulheres que passaram por suas vidas. Tudo cantado em versos, música, prosa e imagens para deleite das gerações futuras. Ambos poetas, escritores e boêmios, entendiam que da vida só se poderia levar prazeres. Nesse aspecto, o crítico Jaime Maurício assim frisou sobre o pintor do Catete: “...fez da boêmia uma bandeira romântica”. E foi dessa maneira que esses dois gigantes da cultura brasileira levaram a vida: em constante alegria e celebração. Não sabemos se Di Cavalcanti pintou Vinícius em suas cores tão brasileiras mas Vinícius cantou em versos, em 1963, o amigo pintor:

“...Que bom existas, pintor  
Enamorado das ruas  
Que bom vivas, que bom sejas...”

Ainda de Jaime Maurício, recolhemos na brilhante pesquisa coordenada pela curadora Denise Mattar um resumo perfeito do que foi o pintor Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Mello, autor da idéia da famosa Semana de Arte Moderna de 1922: “ ...Na ausência de tradições e técnicas tipicamente nacionais, precisamos ter pintores dignos desse nome crescidos no Brasil, por ele sensorialmente formados. Como Di Cavalcanti que nos conta em lápis e tintas de modo tão brasileiro o que vê e sente. E isso com uma espontaneidade que não exclui muito labor... Nosso prazer diante das telas de Di nasce desse encontro do que subsiste na sua pintura de pessoalmente tumultuoso com o rigor da expressão definitiva, admiravelmente ordenada. No mundo do artista, feito de mulatas, pescadores, músicos, palhaços, meretrizes, circos, mercados, bordéis, portos e do mar nunca muito longe, nada há de pletórico, congestionado, ou simplesmente ornamental. Tudo, se bem que amplo, generoso, rico, permanece essencial, participa de uma realidade mais profunda e renovada.”

(...)

Falar da pintura de Di Cavalcanti é falar da cara e do povo brasileiro, da exuberância tropical do País, de sua sensualidade sem folclore”.

(Renato Rosa - <http://www.dicavalcanti.com.br/apresentacao.htm>)

### Di Cavalcanti por seus amigos

#### Uma Flor para Di Cavalcanti

Esta é uma flor para Di,  
uma flor em forma diferente:  
de flor-mulher,  
desabrochada onde quer  
que exista amor e verão.  
Verão como a cor cintila  
nas curvas, e sorri  
nesse púrpuro arrebol  
que Di tirou do seu Rio  
coado de mel e sol.  
Uma flor-pintura, zinzindo  
o canto de amor  
que acompanhou toda a vida  
do pincel, o gozo-dor  
de criar e de sentir,  
divina e tão sensual razão  
que coube, na Terra, a Di.

(Carlos Drummond de Andrade)

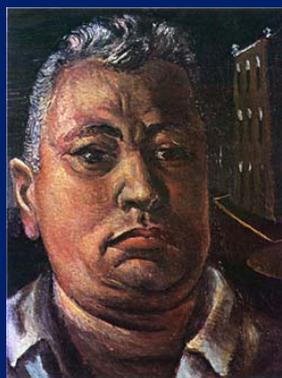
... Que bom que existas, pintor  
Enamorado das ruas  
Que bom vivas, que bom sejas  
Que bom lutes e construas  
Poeta o mais carioca  
Pintor o mais brasileiro  
Entidade mais diletta  
Do meu Rio de Janeiro  
- Perdão meu irmão poeta  
Nosso Rio de Janeiro

(Vinícius de Moraes, setembro de 1963)

Informações compiladas de:

<http://www.latinartmuseum.com/cavalcanti.htm>

<http://www.dicavalcanti.com.br/> (contém importante registro das obras de Di Cavalcanti, separadas por décadas)



Di Cavalcanti